

O CAMPO DE PESQUISA EM ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL: HISTÓRICO, ABORDAGENS METODOLÓGICAS E DIMENSÕES ANALÍTICAS¹

Sandro Pereira Silva²

1 INTRODUÇÃO

A conjugação de ideias e modos particulares de abordagem sobre determinados fenômenos sociais permite, com o tempo, o surgimento de pontos comuns no debate acadêmico a partir da sistematização do conhecimento que vai sendo gerado. O compartilhamento desse conhecimento sistematizado, por sua vez, abre espaço para compromissos entre diferentes grupos de pesquisadores, cristalizando assim a constituição de *paradigmas* orientadores da prática científica.

Conforme postulado por Kuhn (1978, p. 218), um paradigma “indica toda a constelação de crenças, valores, técnicas”, partilhadas na forma de um corpo de conhecimentos aceito e usado por membros de uma “comunidade científica”.³ Ele pode surgir com base em poucos estudos e, então, aglutinar em torno de si amplas possibilidades de desenvolvimento, fortalecendo-o e atraindo novos seguidores.

Nessa perspectiva, este capítulo aborda a inserção no campo acadêmico do paradigma da *economia solidária*, que emergiu nos anos finais do século XX como definidor de uma diversidade de práticas coletivas, conhecidas genericamente como *empreendimentos de economia solidária* (EES), em busca de novas estratégias de inclusão social e desenvolvimento territorial, cujos princípios básicos são: *i*) associação voluntária entre trabalhadores com interesses em comum; *ii*) posse coletiva dos meios de produção; *iii*) gestão autônoma e democrática do empreendimento (autogestão); e *iv*) repartição da receita líquida entre os associados (Dal Ri, 1999; Singer, 2001; França Filho e Lavelle, 2006; Silva, 2017).

1. Este capítulo é uma versão revisada de texto publicado pelo Ipea como Texto para Discussão, n. 2361. Disponível em: <<https://bit.ly/2AhGURD>>.

2. Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea. *E-mail*: <sandro.pereira@ipea.gov.br>.

3. Para Kuhn (1978), uma comunidade científica é formada por praticantes de uma mesma especialidade científica, com iniciação profissional e educação similar, baseada em uma mesma literatura-padrão e que trabalham com o mesmo objeto de estudo científico. Cabe a essas comunidades a função de construir, disseminar e proteger os paradigmas.

Embora a origem dos debates em torno desse tema seja a Europa, com destaque especial para a sociologia econômica francesa (França Filho, 2001; 2007; Laville, 2001), o conceito de economia solidária veio se inserindo de maneira crescente como objeto de estudo de pesquisadores e instituições em todo o Brasil e também em outros países da América Latina, embora com algumas diferenças epistemológicas.⁴ Isso se refletiu no número de trabalhos acadêmicos (teses e dissertações) e nas publicações de diversos periódicos científicos indexados nos últimos anos (Bertucci, 2010a; Gaiger, 2012a; 2012b). Contudo, as pesquisas existentes apresentam diferentes posições e motivações, nem sempre conciliáveis (Wellen, 2012).

Nesse sentido, o objetivo central aqui traçado foi caracterizar o *estado da arte* do campo da economia solidária, em suas várias abordagens analíticas, a partir do mapeamento e da categorização da publicação científica em periódicos indexados. Buscou-se enfatizar as abordagens metodológicas utilizadas pelos autores, as áreas de conhecimento em que se inserem e os principais objetos de análise observados. Espera-se que os resultados aqui apresentados possam auxiliar na compreensão de um quadro geral sobre o perfil da produção nesse campo de pesquisa, além de instigar novos questionamentos para projetos futuros. É importante ressaltar, porém, que não foi pretensão fazer juízo qualitativo sobre a produção aqui considerada, e, sim, elaborar um levantamento geral da produção científica relacionada à temática da economia solidária, visando identificar padrões de evolução ao longo do tempo, com a categorização do seu escopo temático e perfil metodológico.⁵

Para tanto, este texto encontra-se dividido em cinco seções, além desta introdução. Na seção 2, é apresentada rapidamente a metodologia empregada para o estudo bibliométrico aqui realizado. Na seção 3, é debatida a constituição do conceito de economia solidária no contexto brasileiro. Posteriormente, na seção 4, há uma síntese sobre as características gerais das pesquisas em economia solidária no Brasil. Na seção 5, são apresentados os resultados identificados, com as principais características metodológicas e analíticas da produção científica em economia solidária. Por fim, na seção 6, são tecidas algumas considerações conclusivas.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Enquanto discurso institucionalizado, a pesquisa científica se insere em um “sistema de regras pautadas por estratégias de validação” (Spink e Menegon, 2000, p. 64), de modo que o que é observado e descoberto em um objeto, ou seja, sua objetividade, surge como resultado tanto da “interação com técnicas e formas de

4. Sobre distintas visões acerca da economia solidária, ver a coletânea organizada por Santos (2002).

5. “A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento este efetuado em razão de caracteres comuns destes elementos” (Bardin, 1977, p. 117).

operacionalização, quanto das características do próprio objeto” (Spink e Menegon, 2000, p. 64). Nesse caso, a construção dos pressupostos constitutivos (paradigmas) para a análise de determinada estrutura epistemológica de pesquisa parte de múltiplas dimensões estratégicas. Como observado por Vergara e Peci (2003, p. 15),

a racionalidade de uma estratégia particular de pesquisa é baseada em uma rede de pressupostos implícitos ou explícitos, relativos à ontologia e à natureza humana que definem o ponto de vista do pesquisador sobre o mundo social. Tais pressupostos fornecem os fundamentos da prática de pesquisa, inclinando o pesquisador a ver e a interpretar o mundo com base em uma perspectiva, ao invés de outra.

No caso das análises aqui esboçadas, optou-se pela realização de um levantamento bibliométrico sobre a produção científica no campo da economia solidária em periódicos indexados nos portais de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Scientific Periodicals Eletronic Library (Spell) e do Scielo Brasil, por serem bases de grande representatividade sobre a produção científica no Brasil.⁶ Foram selecionados somente os artigos que continham o termo *economia solidária* no assunto (ou seja, no título, entre as palavras-chave ou no corpo do resumo), independentemente da área de conhecimento.⁷ Ao todo, foram identificados 114 artigos, de 59 periódicos diferentes, já descontadas as duplicidades.⁸ A abrangência temporal da pesquisa foi de 2001, ano dos primeiros artigos publicados com registros nas bases, até 2015, último ano de referência, totalizando quinze anos de produção científica. Todos os textos identificados são citados nas referências finais.⁹

Buscou-se caracterizar esses artigos de acordo com as abordagens metodológicas utilizadas em três etapas. Primeiramente, se o artigo trata de ensaio teórico ou pesquisa empírica; e se, no caso de pesquisa empírica, se trata de abordagem qualitativa ou quantitativa. Posteriormente, identificaram-se os métodos e os instrumentos mais privilegiados (perfil metodológico) na coleta e na análise dos dados pelos autores da área na elaboração de seus artigos. Por fim, realizou-se uma

6. O estudo de caráter bibliométrico baseia-se no mapeamento da produção bibliográfica de uma determinada área ou campo científico, durante determinado período de tempo, para a realização de categorizações e análises particulares no intuito de identificar perfis e tendências gerais referentes a essa produção (Singleton e Straits, 1999). Vanti (2002) apontou as principais vantagens desse tipo de estudo, além apresentar a evolução de sua utilização, inclusive com o destaque para o auxílio das ferramentas atuais de informática e internet que abriram novas possibilidades para a pesquisa bibliométrica, com a chamada *webmetria*.

7. Dessa forma, não foram considerados outros conceitos similares, tais como economia popular solidária, socioeconomia solidária, economia social, entre outros. Também não foram considerados textos que abrangem aspectos particulares da economia solidária, como as finanças solidárias, o cooperativismo de crédito, o associativismo de produtores familiares, entre outros temas, mas que não expressaram o termo *economia solidária* nos campos utilizados para a seleção bibliográfica.

8. Foram utilizados somente artigos completos, descartando-se outras formas de publicações, tais como ensaios, resenhas e notas técnicas.

9. Optou-se por não expandir a análise para outras formas de divulgação científica, como teses e dissertações, e também anais de congressos, por entender que esses trabalhos geralmente seguem como destino a publicação em periódicos científicos, o que poderia levar a sobreposições e duplas contagens.

caracterização dos textos com base nos assuntos centrais abordados, para se ter uma visão mais detalhada da multiplicidade de fatores debatidos.¹⁰

3 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

Há um relativo consenso na literatura de que o termo economia solidária tem sua origem no debate latino-americano em uma publicação do sociólogo chileno Luís Razeto, em 1993, quando este se referiu a uma *economia de solidariedade* como constructo teórico elaborado a partir de experiências econômicas populares organizadas coletivamente (Bertucci, 2010a; Cunha, 2012). De acordo com o próprio Razeto (1993, p. 40), tais experiências “compartilham alguns traços constitutivos e essenciais de solidariedade, mutualismo, cooperação e autogestão comunitária, que definem uma racionalidade especial, diferente de outras racionalidades econômicas”. Paralelamente, outros autores, ligados a universidades e entidades de classe, também tratavam sobre o tema, mas com algumas variantes conceituais particulares.

No contexto brasileiro, Lechat (2004) destacou quatro eventos que contribuíram para que o conceito obtivesse maior inserção no debate social e acadêmico. O primeiro foi a constituição de uma mesa redonda durante o 7º Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Sociologia, em 1995, com o tema Formas de Combate e de Resistência à Pobreza. Os trabalhos discutidos nesse evento apresentaram experiências relevantes no campo da economia popular, que foram organizados e publicados pelo pesquisador Luiz Inácio Gaiger no ano seguinte. Nessa publicação, apareceu pela primeira vez o termo *empreendimentos solidários*, que, segundo o organizador, “reúnem, de forma inovadora, características do espírito empresarial moderno e princípios do solidarismo e da cooperação econômica apoiados na vivência comunitária” (Gaiger, 1996 *apud* Lechat, 2004, p. 130).

O segundo evento citado foi o III Encontro Nacional da Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária (Anteag). Ele ocorreu em São Paulo, em 1996, com apoio da Central Única dos Trabalhadores (CUT).¹¹ Embora não se tenha utilizado diretamente o termo economia solidária nesse encontro, Paul Singer, no prefácio do livro que resultou do encontro, ressaltou que as experiências vivenciadas em fábricas recuperadas e autogeridas por trabalhadores, que saem do sistema assalariado para assumir seu próprio empreendimento coletivo, resultam de uma “grande vontade de lutar,

10. É importante ressaltar que em muitas das caracterizações, sobretudo quanto à categoria analítica e ao perfil metodológico, precisou-se fazer uso de certo grau de discricionariedade, seja pelo artigo ser um pouco difuso em sua descrição ou por não ter explícita a informação requerida. No entanto, como dúvidas dessa natureza pairaram sobre um percentual pequeno dos artigos, em hipótese alguma há qualquer comprometimento nas análises aqui realizadas, mesmo porque o objetivo é identificar tendências no campo de pesquisa, e não analisar com profundidade cada publicação.

11. Vale ressaltar que a CUT, em seu 7º Congresso Nacional, no ano de 2000, aprovou a construção de um programa de economia solidária como uma de suas estratégias de atuação política. Assim foi criada a Agência de Desenvolvimento Solidário – ADS (Hespanha e Santos, 2011).

muita disposição ao sacrifício e, sobretudo, muita solidariedade” (Singer, 1997 *apud* Lechat, 2004, p. 130). É desse modo que “a economia solidária ressurgiu no meio da crise do trabalho e se revela uma solução surpreendentemente efetiva” (Singer, 1997 *apud* Lechat, 2004, p. 130).

Já o terceiro evento se refere à Conferência sobre Globalização e Cidadania, organizada pelo Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento (PNUD), em dezembro de 1996. Nesse evento, o conferencista Marcos Arruda ressaltou na apresentação sobre Globalização e Sociedade Civil: Repensando o Cooperativismo no Contexto da Cidadania Ativa, que o cooperativismo genuinamente autogestionário e solidário deveria ser valorizado como projeto estratégico cuja prática poderia permitir maior inovação tanto “no espaço da empresa-comunidade humana” como também “na relação de troca entre os diversos agentes” (Arruda, 1996 *apud* Lechat, 2004, p. 131).

As sínteses produzidas por Gaiger, Singer e Arruda, cada qual com suas especificidades, foram debatidas pela primeira vez em outro evento, no seminário Economia dos Setores Populares: entre a Realidade e a Utopia, realizado na Universidade Católica de Salvador, em 1999. Sua realização foi importante por reunir um conjunto de autores latino-americanos que trabalhavam à época com a temática do trabalho coletivo e da economia popular, mas que ainda não se unificavam em torno de um conceito comum.¹²

Todos esses eventos tiveram sua relevância para que o termo economia solidária passasse a ser reconhecido como novo conceito a ser problematizado cientificamente, envolvendo já um grupo considerável de pesquisadores. Ademais, permitiram a um amplo rol de organizações sociais e de pesquisa compartilhar um instrumental conceitual, o que forneceu maior densidade organizacional em volta do campo da economia solidária no Brasil.

Em termos de publicações que passaram a utilizar sistematicamente o conceito de economia solidária, os registros iniciais também são do final dos anos 1990. Em 1996, o economista Paul Singer, um dos nomes principais nesse processo de construção conceitual, publicou pela primeira vez um texto utilizando o termo economia solidária, no jornal *Folha de S. Paulo*, intitulado *Economia Solidária contra o Desemprego* (Singer, 1996), onde tratou de uma proposta não capitalista de enfrentamento dos crescentes índices de desemprego, calcada no potencial da organização autogestionária dos trabalhadores. No mesmo ano, o termo foi, pela primeira vez, utilizado para se referir a uma proposta de política pública, ao ser incluído no programa de governo do candidato a prefeito de São Paulo pelo Partido dos Trabalhadores (PT), que teve

12. Gradualmente o tema foi se inserindo nos principais congressos acadêmicos de diferentes áreas, inclusive com o lançamento de congressos específicos e interdisciplinares sobre o tema, entre eles o 1º Congresso Nacional de Pesquisadores de Economia Solidária (Conpes), em 2015.

Singer como um de seus colaboradores de campanha. Em 1998, Singer organizou, com André Ricardo de Souza, o livro *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*, englobando experiências de naturezas distintas relatadas por diversos pesquisadores nacionais (Singer e Souza, 1998). Já em 2001, Singer lançou o livro *Introdução à economia solidária*, o qual se tornou obra de referência para as dezenas de novos estudos que estariam por vir, inclusive aqueles com teor crítico. Como reconhecimento a essa trajetória, Singer foi escolhido, em 2003, no início do primeiro governo do presidente Lula, para comandar a Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes), pasta ligada ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), mantendo-se nesse cargo até o início de 2016.

Outra publicação importante para o debate inicial em torno do tema foi organizada em 1999 por Neusa Maria Dal Ri, intitulado *Economia solidária: o desafio da democratização das relações de trabalho*.¹³ O livro debateu os principais temas a serem aprofundados posteriormente, como os desafios da organização econômica autogestionária, a cultura participativa entre os trabalhadores, as bases sociais que os representam, a formação de redes no campo da economia popular, entre outros. Mas talvez a principal contribuição seja o esforço dos autores em estabelecer uma identidade cooperativista das experiências práticas e de seus movimentos social de representação, diferenciando-os do chamado cooperativismo tradicional que se constituiu no Brasil após a Lei nº 5.764/1971, e que tem na Organização das Cooperativas do Brasil (OCB) sua representante nacional (Dal Ri, 1999).

Esse conjunto de acontecimentos (encontros, mobilizações, publicações etc.) foi fundamental, portanto, para a apropriação conceitual do termo economia solidária e sua institucionalização discursiva, tanto no meio acadêmico como nas próprias organizações representativas dos trabalhadores. De maneira geral, entre os componentes principais envolvidos desde então no universo de pesquisa e da prática da economia solidária, pode-se destacar: *i*) os empreendimentos de economia solidária, considerados sua célula básica de representação, voltados a atividades de produção, prestação de serviços, finanças e consumo; *ii*) as organizações civis de apoio e fomento à economia solidária, contando com inúmeras organizações não governamentais (ONGs), universidades, entidades sindicais e organismos de pastoral social; *iii*) os órgãos de articulação política dos diversos segmentos, como os movimentos sindicais, as redes de troca, as centrais de cooperativas e os fóruns de economia solidária; e *iv*) as organizações governamentais, que desenvolvem políticas de apoio à economia solidária, por meio de programas específicos ou transversais (Gaiger, 2012a).

13. Este livro também surgiu como resultado dos debates ocorridos em um evento acadêmico, o II Simpósio Nacional Universidade-Empresa sobre Autogestão e Participação, em novembro de 1998, no campus de Marília da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), cujo objetivo foi promover um intercâmbio cultural e a troca de experiências entre comunidade acadêmica e entidades de trabalhadores.

Todo esse amplo e diversificado conjunto de organizações foi responsável – direta e indiretamente – pela evolução a partir do início dos anos 2000 de um campo de pesquisa de caráter multidisciplinar e diversificado em termos de estratégias metodológicas. Esse movimento permitiu, inclusive, um alargamento epistemológico da própria economia enquanto área de saber científico, sobretudo quanto aos seus critérios de análise e às regras que norteiam a vida material dos sujeitos (Hespanha e Santos, 2016). As sessões seguintes tratam dos aspectos centrais que definiram essa trajetória.

4 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA PESQUISA EM ECONOMIA SOLIDÁRIA

Desde que se consolidou enquanto fenômeno social de relevância para a prática científica, a temática da economia solidária tem adentrado diferentes ramos disciplinares, tais como sociologia, antropologia, economia, administração, psicologia, ciência política, entre outros. O tema passou a ser reconhecido cada vez mais por agências financiadoras, e assim vem figurando-se na agenda corrente de centros de pesquisa e pós-graduação, inclusive com a formação de redes de pesquisadores e iniciativas de cooperação internacional.¹⁴ Como resultado, é possível encontrar publicações em forma de teses, dissertações e artigos científicos em periódicos de diferentes áreas do conhecimento, abordando múltiplas possibilidades de pesquisa. Além dos trabalhos acadêmicos em universidades de todas as regiões do Brasil, há também autarquias e agências de fomento que realizam ou financiam estudos sobre o tema, por exemplo, o Ipea¹⁵ e a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep).

A título de ilustração, Gaiger (2012a) e Ferrarini, Gaiger e Schiochet (2018) identificaram uma elevação bastante significativa no número de grupos de pesquisas em economia solidária vinculados ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) nos últimos anos. Em 2002, havia catorze grupos indexados; em 2006, o número subiu para 57; e, em 2011, para 130 grupos. Já o banco de currículos *Lattes* contava, no início de 2012, com 5.508 pesquisadores ligados ao tema, dos quais 1.708 eram doutores e 196 bolsistas de produtividade do CNPq.

14. No plano internacional também foram realizados eventos importantes, que culminaram, inclusive, na formação de redes de pesquisadores envolvidos com a temática, como a Rede de Investigadores Latinoamericanos de Economia Social e Solidária (Riless), que agrega pesquisadores e instituições na região. A Riless é responsável pelo primeiro periódico acadêmico criado, exclusivamente, com o intuito de difundir pesquisas com interface com a temática da economia solidária, chamada *Otra Economía*, em circulação desde 2007. Outra rede internacional que envolve pesquisadores sobre a temática é o Centro Internacional de Pesquisa e Informação sobre Economia Coletiva (Ciriec). A respeito do Ciriec, ver Menezes e Morais (2017).

15. Entre outras publicações, o Ipea lança semestralmente o seu boletim *Mercado de Trabalho: conjuntura e análise*, que possui uma seção chamada Economia Solidária e Políticas Públicas, com textos em formato de nota técnica, os quais abordam diferentes aspectos relacionados à economia solidária, de autoria de pesquisas do próprio Ipea e também de outros organismos de pesquisa. Disponível em: <<https://bit.ly/3giUm8J>>.

Bertucci (2010a) realizou uma análise aprofundada sobre a inserção da economia solidária no universo acadêmico brasileiro a partir das informações disponíveis no banco de teses da Capes. Foram identificados 226 trabalhos acadêmicos (teses e dissertações) ao todo, de 1998, ano da primeira publicação, até o fim de 2007, período final de sua busca.¹⁶ A área das ciências sociais é a que mais concentra, mas também há registros em administração, direito, economia, ciência política, psicologia, vários ramos da engenharia, agronomia, história, entre outros.

Para Gaiger (2012b), apropriação do conceito e o reconhecimento da importância desse tema nas instituições de pesquisa no Brasil trouxeram consigo novas demandas de conhecimentos, o que acarreta também diversos “desafios ao marco epistemológico, teórico e metodológico das ciências”, estimulando assim “novos objetos investigativos e a discussão em torno de métodos e fronteiras disciplinares” (Gaiger, 2012b, p. 5). As primeiras universidades a adotarem o tema em seus programas de graduação e pós-graduação, de maneira geral, foram aquelas que já demonstravam histórico de dedicação ao estudo do cooperativismo e do associativismo. Ademais, boa parte dos estudiosos do tema combina a atividade de pesquisa com alguma prática de extensão universitária junto a grupos e empreendimentos, ou atuaram em órgãos de governo que conduzem políticas públicas de apoio à economia solidária. Com isso, observa-se uma relação circular na qual as práticas e experiências se convertem em foco de atuação de inúmeras organizações civis, em itens das políticas públicas e em temas de pesquisa.

Um dos espaços criados no Brasil que permite essa conexão entre a pesquisa e a ação prática refere-se às incubadoras tecnológicas de cooperativas populares (ITCPs).¹⁷ Atualmente, estão em funcionamento mais de oitenta ITCPs em universidades e institutos tecnológicos. Essas entidades aliam ensino, pesquisa e extensão universitária, tendo como eixo central o fortalecimento de experiências de economia solidária no entorno territorial onde os centros de ensino se encontram. Bertucci (2010a) já havia identificado relação direta entre a existência de ITCP e o número de trabalhos acadêmicos sobre o tema registrados pela universidade. Para o autor, muitos estudantes quando iniciam seus primeiros estágios de pesquisa acabam se envolvendo em uma atividade de extensão ligada a uma ITCP, ou vice-versa, de modo que uma atividade estimula a outra.

Por seu turno, uma carência que afeta esses pesquisadores é a falta de registros contábeis oficiais sobre a dinâmica desses empreendimentos – número de postos de trabalho, renda gerada e outros elementos que permitam melhor caracterização da economia solidária no Brasil – fato que compromete, principalmente, análises quantitativas mais gerais sobre as diversas dimensões que envolvem a temática.

16. O primeiro trabalho de pós-graduação a conter o termo economia solidária em seu resumo foi defendido em 1998. Trata-se de uma tese de doutorado em serviço social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) (Pedrini, 1998).

17. Para uma avaliação geral sobre as incubadoras de empreendimentos de economia solidária no Brasil, ver Perisse *et al.* (2017).

Para superar parte dessa carência, a Senaes constituiu o Sistema Nacional de Informações de Economia Solidária (Sies), alimentado por um mapeamento nacional desses empreendimentos em todos os estados brasileiros, com questionários fechados, abordando várias de suas dimensões operacionais. O primeiro mapeamento foi realizado entre 2005 e 2007, registrando informações de 21.859 empreendimentos em todo o território nacional. Já o segundo mapeamento do Sies foi realizado entre 2010 e 2013 (Silva e Carneiro, 2014; Silva, 2017).

5 A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE ECONOMIA SOLIDÁRIA

A partir da consulta pelo termo *economia solidária* nas bases utilizadas, foi possível encontrar um total de 114 artigos científicos, já descontadas as duplicidades, no período que vai de 2001, ano das primeiras publicações, até 2015, ano final de referência para a pesquisa. Todos esses trabalhos envolveram 203 pesquisadores, com ligeira predominância do sexo masculino: 52,2% de homens contra 47,8% de mulheres. Os artigos identificados se dividiram em 64 periódicos diferentes.¹⁸ Os periódicos que superaram cinco publicações foram: *Revista Katálysis* (nove), *Cadernos Ebape.br* (sete), *Revista Sociedade e Estado* (seis) e *Psicologia e Sociedade* (seis). Um ponto digno de nota é o caráter multidisciplinar das publicações, com periódicos indexados nas áreas de sociologia, administração, psicologia, economia, ciência política, cooperativismo, direito, educação, turismo, antropologia, engenharia, comunicação social, extensão rural, saúde pública, serviço social, políticas públicas e desenvolvimento.

As primeiras publicações registradas foram em 2001, com uma edição especial do periódico *Sociedade e Estado*. Desde então, a evolução da quantidade de publicações ano a ano demonstra que a temática foi aos poucos ganhando terreno na literatura em diversas áreas. Na primeira metade do período analisado (2001 a 2008), foram 42 publicações, o que representa média de 5,3 por ano. Na segunda metade (2009 a 2015), foram 72, com média anual de 10,4 publicações, ou seja, quase dobrando o ritmo de publicações identificadas. O ano de 2011 concentrou o maior número de publicações, com dezoito, no total.

Quanto às particularidades das abordagens metodológicas utilizadas nesses artigos, 77 artigos são de natureza empírica, e outros 37 foram escritos como ensaio teórico, com a predominância de pesquisas de natureza explicativa sobre aquelas que buscam relação de causa-efeito ou teste de hipóteses. Entre os artigos empíricos, a maioria apresenta abordagem qualitativa, com 64 artigos contra treze com abordagem quantitativa. A tabela 1 apresenta o número de artigos publicados em cada ano por tipo de abordagem metodológica utilizada, e o gráfico 1 mostra as linhas de evolução dos artigos de cada uma dessas abordagens ano a ano.

18. Para os objetivos desta pesquisa, foram considerados apenas trabalhos em periódicos brasileiros ou, então, artigos de autores brasileiros em periódicos internacionais indexados pelas bases consultadas.

TABELA 1
Produção bibliográfica por abordagem metodológica (2001-2015)

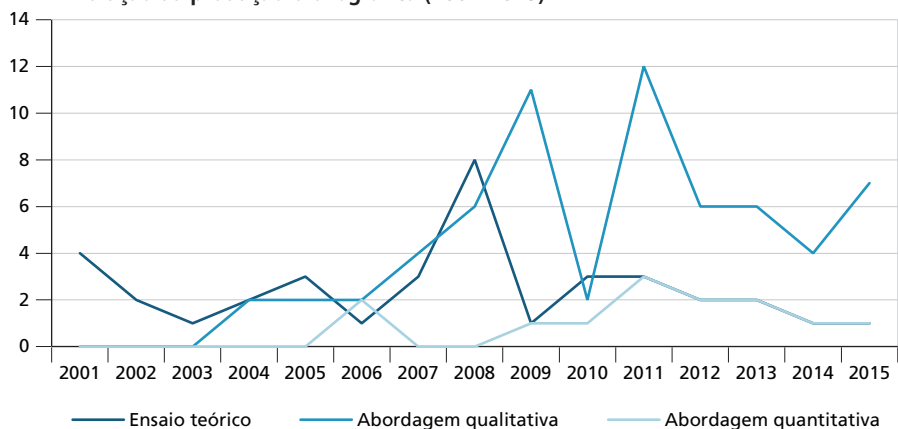
	Ensaio teórico	Pesquisas empíricas		Total
		Abordagem qualitativa	Abordagem quantitativa	
2001	4	0	0	4
2002	2	0	0	2
2003	1	0	0	1
2004	2	2	0	4
2005	3	2	0	5
2006	1	2	2	5
2007	3	4	0	7
2008	8	6	0	14
2009	1	11	1	13
2010	3	2	1	6
2011	3	12	3	18
2012	2	6	2	10
2013	2	6	2	10
2014	1	4	1	6
2015	1	7	1	9
Total	37	64	13	114

Fonte: Banco de dados da pesquisa.

Elaboração do autor.

Obs.: Algumas pesquisas bibliométricas, ao analisarem as abordagens utilizadas, incluem também uma categoria *mista*, entre a qualitativa e a quantitativa. Aqui se decidiu por classificar cada artigo apenas com essas duas possibilidades, de acordo com a abordagem predominante utilizada pelos autores.

GRÁFICO 1
Evolução da produção bibliográfica (2001-2015)



Fonte: Banco de dados da pesquisa.

Elaboração do autor.

Obs.: A partir de 2011, as curvas dos ensaios teóricos e dos estudos com abordagem quantitativa seguem a mesma trajetória.

Os artigos publicados como ensaio teórico tiveram maior participação na primeira metade do período analisado, quando responderam por mais da metade das publicações. O assunto principal identificado nesses artigos diz respeito à autogestão, um dos princípios fundamentais da economia solidária, como nos textos de Carvalho e Pires (2001), França Filho (2001), Tauile (2002), Ferraz e Dias (2008), Bertucci (2010b), Benini e Benini (2010), e Lima (2010). Alguns trabalhos aliaram o debate da autogestão com outros assuntos: Coutinho *et al.* (2005), Veronese e Guareschi (2005), e Loch, Amorin e Schmidt (2008) discutiram a relação entre autogestão e as possibilidades de atuação da psicologia social e do trabalho; Lima (2004) analisou a autogestão e a resistência dos trabalhadores às transformações econômicas; e Castanheira e Pereira (2008) discutiram sobre a autogestão e as motivações que conduzem a ação coletiva de trabalhadores. A discussão de outros conceitos relevantes para o tema, como solidariedade, cooperação e associativismo, também foi bastante marcada, como em Singer (2001), Laville (2001), França Filho (2007), Westphal (2008), Monje-Reyes (2011) e Lima e Souza (2014). Foram identificadas ainda outras discussões teóricas, como as relações e as diferenças entre economia solidária e terceiro setor (Lechat e Barcelos, 2002; Escobar e Gutierrez, 2008); as correntes e a trajetória teórica da economia solidária (Paula, 2011; Estivill, 2012).

As relações teóricas entre economia solidária e ambiente econômico também são abordadas por distintas dimensões. Pedrini e Oliveira (2007) abordaram a relação entre economia solidária e combate à pobreza; Namorado (2012) e Calvo (2013) debateram as relações teóricas entre economia solidária e desenvolvimento; Kanan (2011) discutiu a concepção de consumo sustentável; Arroyo (2008) tratou das complementaridades entre associativismo e competição; Iaskio (2006) analisou a inserção de EES em ambientes competitivos; e Dagnino (2015) abordou a relação entre universidade e tecnologias sociais. Alguns artigos desenvolveram ensaios críticos aos fundamentos teóricos da economia solidária e sua natureza alternativa ao capitalismo, como os de Wellen (2008) e Sousa (2008). Por fim, alguns assuntos que também figuraram entre os ensaios teóricos publicados são: *i*) economia solidária em perspectiva internacional (França Filho, 2004); *ii*) poder e controle organizacional em EES (Sá e Soares, 2005); *iii*) Estado, movimentos sociais e políticas públicas (Singer, 2009); e *iv*) catolicismo e economia solidária (Souza, 2007).

Já entre os 77 artigos identificados como de natureza empírica, foi possível ver pela tabela 1 que há grande superioridade no uso de técnicas qualitativas no campo de pesquisa da economia solidária. Quanto ao perfil metodológico desses artigos empíricos, foram avaliadas duas características entre eles: *i*) as estratégias de análise escolhidas pelos autores; e *ii*) as técnicas de coleta de dados utilizadas. A tabela 2 apresenta e sumariza os resultados identificados.

TABELA 2
Estratégias metodológicas e técnicas para coleta de dados

Abordagem	Estratégias metodológicas	Número	Técnicas de coleta de dados	Número
Qualitativa	Estudo de caso	27	Entrevista	36
	Pesquisa exploratória	10	Pesquisa documental	35
	Multimétodos/triangulação	8	Observação (participante e não participante)	25
	Pesquisa ação	7	Grupo focal	6
	Pesquisa etnográfica	5	Diagnóstico/planejamento participativo	3
	Histórico-institucional	3	Análise de redes sociais	2
	Trajetória de vida	2	-	-
	Análise de discurso	1	-	-
	Pesquisa experimental	1	-	-
Quantitativa	Estatística descritiva	10	Tabulação de dados secundários	8
	Estatística multivariada	2	<i>Survey</i>	5
	Estatística correlacional	1	-	-

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração do autor.

No primeiro item, percebe-se que o método de estudo de caso foi o mais utilizado entre os artigos sobre a abordagem qualitativa, com 27, no total.¹⁹ As pesquisas de natureza exploratória foram utilizadas em dez artigos, e outros oito utilizaram combinações de métodos diferentes em seu desenho analítico. Outras estratégias de análise qualitativa também foram empregadas, o que demonstra a diversidade metodológica desses artigos, como já era esperado, dada a heterogeneidade das áreas de conhecimento que eles abrangem. No caso dos artigos quantitativos, a maior parte fez uso de estatísticas descritivas (média, frequência e desvio-padrão) para elaborar suas análises.

19. Os próprios casos estudados são de natureza bem diversa, entre eles: Carrion (2009) buscou identificar as razões do fracasso do projeto que visava implantar uma central coletiva para a comercialização de resíduos sólidos na Região Metropolitana (RM) de Porto Alegre; Marcosini (2008) analisou a construção da política pública de apoio a empreendimentos de economia solidária em Campinas/São Paulo; Arakaki (2012) avaliou a articulação entre a cooperativa Coorimbatá e a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) na criação de uma rede de entidades que compõem o Sistema Integrado de Inovação Tecnológica Social (Sitecs); Favero e Eidelwein (2004) analisaram a relação entre psicologia comunitária e a criação de ambientes de geração de trabalho e renda junto à Cooesperança, no município de Santa Maria/Rio Grande do Sul; Fonseca, Lima e Assunção (2004) focaram suas análises no processo de transmissão do conhecimento prático acumulado entre associados de uma cooperativa de produção de artefatos de couro e de material sintético; Coelho e Godoy (2011) buscaram interpretar o processo organizativo de empreendimento solidário no ramo da reciclagem, considerando suas características particulares que extrapolam a questão econômica; Caminha e Figueiredo (2011) analisaram a experiência de implantação de uma moeda social no bairro Conjunto Palmeiras, em Fortaleza/Ceará, pelo Banco Palmas; Cruz-Souza *et al.* (2011) analisaram os processos de incubação por parte da ITCP da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); Lima e Gomez (2008) estudaram a organização de uma cooperativa da construção civil como estratégia de resistência ao desemprego e o subemprego por parte de alguns trabalhadores; Zaar (2007) avaliou o processo de organização local de um reassentamento de agricultores familiares atingidos por barragem devido à construção de uma hidroelétrica no Rio Iguazu, no Paraná; Cardozo *et al.* (2015) analisaram o comprometimento organizacional em relação aos bens materiais e patrimoniais de uma cooperativa de reciclagem; apenas para citar alguns. Portanto, como se pode perceber, há grande variedade tanto de casos estudados quanto de dimensões analíticas entre as pesquisas em economia solidária.

Já em termos de técnicas ou instrumentos de coleta de dados utilizados, a tabela 2 mostra também que, entre os artigos com abordagem qualitativa, a prevalência maior foi o uso de entrevistas, seguida por análise documental e observação (participante e não participante).²⁰ Ressalta-se também que grande parte desses artigos apresentou combinações entre técnicas diferentes. Entre os artigos quantitativos, a técnica mais utilizada foi a exploração de banco de dados secundários. Nesse caso, o banco de dados do Sies, já citado anteriormente, teve grande importância, pois seis deles foram elaborados com tabulações e análises estatísticas a partir desses dados: Gaiger (2009; 2011; 2012a), Lima, Araújo e Rodrigues (2011) e Silva e Nagem (2012). Outro banco de dados utilizado foi o orçamento federal, por Nagem e Silva (2013), que analisaram a execução orçamentária da política nacional de economia solidária no Brasil. Os demais artigos a respeito da abordagem quantitativa fizeram uso de *survey* para atingirem diferentes propósitos de pesquisa, como em Medeiros e Cunha (2013), Souza Neto e Valery (2010), Godoy *et al.* (2011), Gaiger (2006) e Castilho, Mariani e Garcia (2012). Como já ressaltado, a carência em termos de bancos de dados com informações atualizadas sobre empreendimentos e outras experiências que compõem o universo da economia solidária é um fator que limita a possibilidade de expansão de pesquisas quantitativas sobre a temática.²¹

Por fim, procurou-se classificar os principais objetos de análise nos artigos empíricos sobre economia solidária, com a definição de um assunto central como categoria temática para cada um deles e o exercício de categorização e agrupamento desses assuntos.²² A leitura dos textos permitiu identificar e agrupar em onze categorias temáticas, conforme demonstrado na tabela 3, com suas respectivas referências.

TABELA 3
Assuntos principais de pesquisa e suas referências

Categorias	Referências	Total
Empreendimentos	Andion (2005); Silva <i>et al.</i> (2006); Carrion (2009); Basso, Lemes e Silveira (2010); Coelho e Godoy (2011); Caldas <i>et al.</i> (2011); Silva <i>et al.</i> (2011); Costa <i>et al.</i> (2011); Gattai e Bernardes (2013); Morais <i>et al.</i> (2011); Silva (2012); Laville (2009); Gaiger (2006; 2009; 2011; 2012a); Godoy <i>et al.</i> (2011); Lima, Araújo e Rodrigues (2011); Silva e Nagem (2012); Dias e Souza (2014); Cardoso <i>et al.</i> (2015); Frola e Andrade (2015); Oliveira Neto <i>et al.</i> (2015).	23
Organização do trabalho	Fonseca, Lima e Assunção (2004); Favero e Eidelwein (2004); Barfknecht, Merlo e Nardi (2006); Leite (2007); Lima e Gomez (2008); Santos e Deluiz (2009); Silva e Oliveira (2009); Azambuja (2009); Onuma, Mafra e Moreira (2012); Araújo <i>et al.</i> (2013); Santos e Oliveira (2015); Souza Neto e Valery (2010); Zambelo (2015).	13

(Continua)

20. Em alguns trabalhos, a técnica da observação é descrita como complementar a outras técnicas de levantamento de dados.

21. Em geral, temáticas que utilizam abordagens mais qualitativas recorrem a técnicas como entrevistas, análise documental e observação, enquanto pesquisas sobre temas que privilegiam um enfoque mais quantitativo utilizam predominantemente bases de dados secundários ou questionários como técnica de coleta (tipo *survey*) (Sobral e Mansur, 2013).

22. Em alguns textos, foi difícil definir um assunto específico. Nesses casos, o esforço foi no sentido de classificá-los dentro do tema que mais se enquadrava, de acordo com os objetivos desta pesquisa.

(Continuação)

Categorias	Referências	Total
Subjetividade do trabalho	Cortegoso e Porto (2007); Gonçalves (2008); Ferraz e Cavedon (2008); Dal Magro e Coutinho (2008); Nascimento <i>et al.</i> (2011); Veronese e Guareschi (2009); Andrade (2013); Araújo <i>et al.</i> (2013); Santiado e Yasui (2015).	12
Política pública	Marcosini (2008); Silva (2009); Nagem e Silva (2013); Locks e Gugliano (2013); Alcântara (2014); Adams (2014); e Boni e Vieira (2015)	7
Incubação	Cortegoso (2007); Lechat e Barcelos (2008); França Filho e Cunha (2009); Arakaki (2012).	4
Desenvolvimento comunitário	Rocha Filho e Cunha (2009); Vitcel <i>et al.</i> (2010); Mariani e Arruda (2011); Silva <i>et al.</i> (2011); Medeiros e Cunha (2013).	5
Educação	Meneghetti <i>et al.</i> (2013); Meneghetti (2013); Meneghetti e Barroffadi (2015).	3
Juventude e associativismo	Nardi e Yates (2005); Nardi <i>et al.</i> (2006); Nardi e Rodrigues (2009).	3
Finanças/moedas sociais	Caminha e Figueiredo (2011); Maia (2014); Echegaray (2011); Freitas, Amodeo e Silva (2013).	4
Movimentos sociais	Silva e Oliveira (2011); Gattai e Bernardes (2013).	2
Manifestações culturais	Cunha e Barbosa (2007).	1

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração dos autores.

Como se pode notar, a maior parte dos textos teve como assunto principal a análise de empreendimentos, com 23 publicações. Tais artigos destacaram diversos aspectos da organização econômica e administrativa dos empreendimentos analisados, como: *i*) qualidade dos produtos e satisfação dos consumidores (Godoy *et al.*, 2011); *ii*) vantagens comparativas dos formatos coletivos (Gaiger, 2006; 2011); *iii*) indicadores de solidarismo e de eficiência dos empreendimentos (Gaiger, 2012a); *iv*) controles financeiros e planos de negócios (Caldas *et al.*, 2011; Silva *et al.*, 2011); *v*) democracia nos processos decisórios (Locks e Gugliano, 2013); *vi*) adoção de tecnologias de informação (Costa *et al.*, 2011; Braz e Cardoso, 2013); *vii*) relação entre EES e desenvolvimento social (Andion, 2005; Basso, Lemes e Silveira, 2010); *ix*) inovações em empreendimentos de economia solidária (Carrion, 2009); *x*) comparações entre variáveis econômicas e organizativas de EES de diferentes estados do Brasil (Silva *et al.*, 2006; Silva e Nagem, 2012); e *xi*) impactos do personalismo e do patriarcalismo nos problemas de gestão (Frota e Andrade, 2015).

A organização do trabalho nos empreendimentos de economia solidária também foi um assunto bem significativo entre os textos, com treze publicações. De modo geral, eles tratam dos processos internos de autogestão e os mecanismos de internalização do associativismo no processo produtivo e/ou na comercialização de bens e serviços. A questão da subjetividade do trabalho foi destacada em doze artigos, sobretudo no campo da psicologia, enfatizando algumas questões, por exemplo, a motivação por fazer parte e ser coproprietário de empreendimentos coletivos, bem como a geração de autoestima de trabalhadores que se envolvem nesses projetos para se reinserirem no mundo do trabalho e garantir sua autonomia

na geração de renda. A junção desses dois temas ressalta a questão da centralidade do trabalho nos estudos sobre economia solidária.

Outro tema recorrente foi a relação entre economia solidária e políticas públicas, com seis artigos identificados. As análises variam bastante em termos da dimensão de política pública abordada, podendo ser desde uma escala nacional da política de economia solidária (Nagem e Silva, 2013), até uma análise das políticas municipais (Silva, 2009; Alcântara, 2014). Outros temas identificados foram: *i*) incubação de empreendimentos; *ii*) desenvolvimento comunitário; *iii*) educação; *iv*) finanças solidárias e moedas sociais; e *v*) movimentos sociais.

Portanto, os dados sintetizados na tabela 3 reforçam a premissa apresentada desde o início deste trabalho, sobre o quanto a temática da economia solidária abrange um leque ampliado de assuntos e objetos a serem pesquisados. Tal constatação abre espaço para uma inserção da temática entre diferentes áreas do conhecimento e a utilização e conjugação de distintas abordagens metodológicas, como já vem ocorrendo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática da economia solidária, como discutido neste texto, surgiu (e segue em construção) como um campo paradigmático de investigação científica, enquanto objeto de reflexão acadêmica e interpretações teóricas, em um período relativamente recente, ganhando espaço nos institutos de pesquisa e nos veículos de publicação científica com o tempo. O conceito foi cunhado a partir de uma realidade latino-americana de desestruturação do mercado de trabalho e fragilidade das instituições públicas e programas sociais. Em função disso, de forma combinada com a produção acadêmica, a inserção do tema, tanto nos discursos e práticas dos principais movimentos sociais como na agenda governamental, também contribuiu bastante para essa institucionalização conceitual nos últimos anos.

Os resultados da pesquisa bibliométrica aqui apresentados evidenciam que o tema vem sendo objeto de interesse científico em diferentes ramos do conhecimento, não se limitando apenas às áreas das ciências sociais e econômicas. Quanto à caracterização da produção bibliográfica identificada nos periódicos, foi possível perceber que há uma grande variedade de abordagens metodológicas e enquadramentos temáticos, o que implica uma diversidade de possibilidades de análise, a depender dos objetivos dos pesquisadores. Embora a grande maioria seja de artigos empíricos, foi encontrado um número considerável de ensaios teóricos, que em geral abordam aspectos conceituais relevantes para a área como autogestão, associativismo, solidariedade como fator produtivo, além de levantarem críticas sobre a própria consistência teórica ou relevância social de suas experiências. Entre os textos empíricos, verificou-se uma predominância da adoção de abordagens

qualitativas, com um perfil metodológico bastante variado e a coexistência de múltiplos instrumentos. Os métodos mais utilizados foram o estudo de caso e a pesquisa exploratória e, entre as técnicas de coleta de dados, entrevistas e pesquisa documental. Por sua vez, os registros de estudos com abordagem quantitativa aumentaram nos anos mais recentes, sobretudo após a criação do Sies, que preencheu, em parte, a lacuna de dados quantitativos sobre as experiências de economia solidária no Brasil, possibilitando novos conhecimentos acerca da realidade socioeconômica de suas experiências práticas.

Com isso, pode-se dizer que a produção científica sobre economia solidária apresenta ao menos duas características centrais: *i) ela é multidisciplinar*, uma vez que se encontra fomentada por diversas áreas do saber e pela coexistência de múltiplos instrumentos de pesquisa; e *ii) é descentralizada*, não se concentrando em um determinado número de pesquisadores ou centros de pesquisa específicos. Tal fato resulta, justamente, das diversas dimensões teóricas e de práticas sociais que abrangem o campo da economia solidária, concretizadas em suas distintas iniciativas de trabalho coletivo e representação social.

Enquanto conceito, trata-se de um constructo complexo, com diferentes concepções, dimensões e contextos de aplicação que, por consequência, é compreendido sob distintas abordagens metodológicas. A ideia é que essas considerações levantadas e debatidas neste texto possam tanto subsidiar o desenvolvimento de projetos de pesquisa (novos ou em andamento) em diferentes áreas do pensamento como também gerar novos questionamentos sobre os fenômenos sociais que podem ser enquadrados sob a lente da economia solidária.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, T. Educação na economia solidária: desafios e perspectivas. **Revista Educação** (UFSM), v. 39, n. 3, 2014.
- ALCÂNTARA, F. H. C. Políticas públicas municipais e economia solidária. **Revista Interações**, v. 15, n. 1, 2014.
- ANDION, C. A gestão no campo da economia solidária: particularidades e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 9, n. 1, p. 71-101, 2005.
- ANDRADE, M. C. Loucura e trabalho no encontro entre saúde mental economia solidária. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n. 1, p. 174-191, 2013.
- ARAKAKI, A. H. Sistema integrado de inovação tecnológica social: programa de incubação de empreendimentos econômicos solidários EIT-UFMT. **Revista Interações**, v. 13, n. 1, p. 59-68, 2012.

ARAUJO, G. E. *et al.* Economia solidária à luz do ambiente isonômico de Guerreiro Ramos. **Revista Eletrônica de Ciências Administrativas**, v. 12, n. 1, 2013.

ARROYO, J. C. Cooperação econômica versus competitividade social. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 11, n. 1, 2008.

AZAMBUJA, L. R. Os valores da Economia Solidária. **Sociologias**, n. 21, p. 282-317, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARFKNECHT, K. S.; MERLO, A. R. C.; NARDI, H. C. Saúde mental e economia solidária. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 2, p. 54-61, maio/ago. 2006.

BASSO, D.; LEMES, F. M.; SILVEIRA, D. C. Economia Solidária e dinâmica de desenvolvimento local: um estudo de empreendimentos econômicos solidários no município de Ijuí-RS. **Revista Emancipação**, v. 10, n. 1, 2010.

BENINI, E. A.; BENINI, E. G. As contradições do processo de autogestão no capitalismo: funcionalidade, resistência e emancipação pela economia solidária. **Revista Organizações & Sociedade**, v. 17, n. 2, 2010.

BERTUCCI, J. O. **A produção de sentido e a construção social da economia solidária**. 2010. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2010a.

_____. Desenvolvendo a solidariedade no caminho da transição: um ensaio sobre a teoria do socialismo a partir de Marx. **Revista Economia e Sociedade**, v. 19, n. 1, 2010b.

BONI, I. M.; VIEIRA, R. Turismo alternativo solidário e o Centro Público de Economia Solidária de Itajaí, SC. **Revista Interações**, v. 16, n. 2, jul./dez. 2015.

BRAZ, C. L. R.; CARDOSO, O. Economia solidária e redes sociais: antigos fenômenos, novas feições. **Organizações em Contexto**, v. 9, n. 17, p. 59-77, 2013.

CALDAS, C. B. *et al.* Controles financeiros na economia solidária são necessários? **Revista Eletrônica de Gestão e Serviços**, v. 2, n. 2, ago./dez. 2011.

CALVO, V. G. Acercamiento a las prácticas de la economía social, la economía solidaria y la economía del común, ¿qué nos ofrecen? **Barataria: Revista Castellano-Manchega de Ciencias Sociales**, n. 15, p. 11-124, 2013.

CAMINHA, U.; FIGUEIREDO, M. Atividade financeira e moeda: análise da experiência do conjunto palmeiras em Fortaleza-CE. **Revista de Direito FGV**, v. 7, n. 1, 2011.

CARDOZO, B. D. A. *et al.* Comprometimento organizacional e gestão de bens materiais e patrimoniais em um empreendimento econômico solidário. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 16, n. 4, p. 15-42, 2015.

CARRION, R. M. Competição e conflito em redes de economia solidária. **Cadernos Ebape.br**, v. 7, n. 4, p. 547-557, 2009.

CARVALHO, R. A.; PIRES, S. D. Em busca de novas solidariedades: os empreendimentos da economia social em questão. **Sociedade e Estado**, v. 16, n. 1, jun./dez. 2001.

CASTANHEIRA, M. E. M.; PEREIRA, J. R. Ação coletiva no âmbito da economia solidária e da autogestão. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 116-122, 2008.

CASTILHO, M. A.; MARIANI, M. A. P.; GARCIA, R. A. M. Economía solidaria y condiciones de autogestión en emprendimientos económicos solidarios en el municipio de Aquidauana (MS – Brasil). **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 21, n. 5, p. 1225-1243, 2012.

COELHO, D. B.; GODOY, A. S. De catadores de rua a recicladores cooperados: um estudo de caso sobre empreendimentos solidários. **Revista de Administração Pública**, v. 45, n. 3, 2011.

CORTEGOSO, A. L. Identificação e descrição de relações comportamentais na economia solidária. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 27, n. 2, 2007.

CORTEGOSO, A. L.; PORTO, V. C. F. Comportamento humano e normas de conduta em economia solidária: relato de experiência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. 4, 2007.

COSTA, S. N. *et al.* Construção de um Website para a Cooperselecta, no Bairro Montanhão: a adoção de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) em um empreendimento de economia solidária. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**, v. 2, n. 2, 2011.

COUTINHO, M. C. *et al.* Novos caminhos, cooperação e solidariedade: a psicologia em empreendimentos solidários. **Psicologia & Sociedade**, v. 17, n. 1, 2005.

CRUZ-SOUZA, F. *et al.* Las incubadoras universitarias de economía solidaria en Brasil. **Revesco: revista de estudios cooperativos**, v. 106, n. 4, 2011.

CUNHA, G. C. **Outras políticas para outras economias**. 2012. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 2012.

CUNHA, E. V.; BARBOSA, A. R. Reflexos da cultura brasileira nas expressões da dádiva em clubes de troca: O caso da II feira baiana de economia solidária. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 6, n. 2, 2007.

DAGNINO, R. Como é a universidade de que o Brasil precisa? **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 20, n. 2, p. 293-333, 2015.

DAL RI, N. M. (Org.). **Economia solidária: o desafio da democratização das relações de trabalho**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

DIAS, T. F.; SOUZA, W. J. Gestão Social e Economia Solidária: o caso da Associação dos Produtores e Produtoras Rurais da Feira Agroecológica de Mossoró (Aprofam), Mossoró-RN. **Revista Teoria e Prática da Administração**, v. 4, n. 1, p. 261-294, 2014.

ESCOBAR, J. J.; GUTIERREZ, A. C. Tercer sector y univocidad conceptual: necesidad y elementos configuradores. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 11, n. 1, 2008.

ESTIVILL, J. Espacios públicos y privados: construyendo diálogos en torno a la economía solidaria public and private spaces. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 84, 2012.

FAVERO, E.; EIDELWEIN, K. Psicologia e cooperativismo solidário: possíveis (des)encontros. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 3, p. 35-40, set/dez. 2004.

FERRARINI, A. V.; GAIGER, L. I.; SCHIOCHET, V. O estado da arte e a agenda de pesquisa em economia solidária no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, n. 12, 2018.

FERRAZ, D. L. S.; DIAS, P. Discutindo autogestão: um diálogo entre os pensamentos clássico e contemporâneo e as influências nas práticas autogestionárias da economia popular solidária. **Revista Organização & Sociedade**, v. 5, n. 46, 2008.

FERRAZ, D. L. S.; CAVEDON, N. R. A exclusão e a inclusão social: depoimentos das praticantes da economia popular solidária. **Cadernos Ebape.br**, v. 6, n. 4, 2008.

FONSECA, G. C.; LIMA, F. P. A.; ASSUNÇÃO, A. Transmissão do saber prático: as dificuldades do processo ensino-aprendizagem em uma cooperativa autogestionária. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 29, n. 109, p. 45-53, 2004.

FRANÇA FILHO, G. C. A problemática da economia solidária: uma perspectiva internacional. **Sociedade e Estado**, v. 16, n. 1, 2001.

_____. A problemática da economia solidária: um novo modo de gestão pública? **Cadernos Ebape.br**, v. 2, n. 1, 2004.

_____. Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, v. 7, n. 1, 2007.

FRANÇA FILHO, G. C.; CUNHA, E. V. Incubação de redes locais de economia solidária: lições e aprendizados a partir da experiência do projeto Eco-Luzia e da metodologia da Ites/UFBA. **Organizações & Sociedade**, v. 16, n. 51, 2009.

FRANÇA FILHO, G. C.; LAVILLE, J. L. **Ação pública e economia solidária: uma perspectiva internacional**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006.

FREITAS, A. F.; AMODEO, N. B. P.; SILVA, F. D. Crédito solidário e desenvolvimento local: o caso da Cooperativa de Crédito da Agricultura Familiar e Economia Solidária de Araponga – MG. **Revista Desenvolvimento em Questão**, v. 10, n. 19, 2012.

FROTA, L. A.; ANDRADE, A. G. A influência do patriarcalismo, personalismo e do “jeitinho” na gestão dos empreendimentos econômicos solidários. **Revista Diálogo**, n. 28, 2015.

GAIGER, L. I. A racionalidade dos formatos produtivos autogestionários. **Sociedade e Estado**, v. 21, n. 2, p. 513-545, 2006.

_____. A associação econômica dos pobres como via de combate às desigualdades. **Caderno CRH**, v. 22, n. 57, p. 563-580, 2009.

_____. Relações entre equidade e viabilidade nos empreendimentos solidários. **Revista Lua Nova**, n. 83, p.79-109, 2011.

_____. A outra racionalidade da economia solidária. Conclusões do primeiro Mapeamento Nacional no Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 84, p. 57-77, 2012a.

_____. Práticas sociais e conhecimento acadêmico no campo da economia solidária. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 73, 2012b.

GATTAL, S.; BERNARDES, M. A. Papel e responsabilidades da universidade no processo socioeducativo presente em movimentos de economia solidária. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, n. 6, 2013.

GODOY, L. P. *et al.* Uma análise da satisfação dos consumidores da feira de economia solidária de Santa Maria. **Revista Iberoamericana de Engenharia Industrial**, v. 2, n. 2, 2011.

GONÇALVES, A. F. Experiências em economia solidária e seus múltiplos sentidos. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 11, n. 1, 2008.

HESPANHA, P.; SANTOS, A. M. **Economia solidária: questões teóricas e epistemológicas**. Coimbra/Portugal: Almedina, 2011.

HESPANHA, P.; SANTOS, L. L. O nome e a coisa: sobre a invisibilidade e a ausência de reconhecimento institucional da Economia Solidária em Portugal. **Revista de Economia Solidária – Acesa**, n. 9, 2016.

IASKIO, E. L. S. A economia solidária diante da concorrência capitalista: os limites econômicos da autogestão. **Revista Emancipação**, v. 6, n. 1, 2006.

KANAN, L. A. Consumo sustentável e Economia Solidária: alguns conceitos e contribuições da Psicologia. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 607-624, 2011.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LAVILLE, J. L. Economia solidária, a perspectiva europeia. **Sociedade e Estado**, v. 16, n. 1, 2001.

_____. A economia solidária: um movimento internacional. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 84, p. 7-47, 2009.

LECHAT, N. M. P. **Trajетórias intelectuais e o campo da economia solidária no Brasil**. 2004. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LECHAT, N. M. P.; BARCELOS, E. Economia social, economia solidária, terceiro setor: do que se trata? **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, v. 2, n. 1, 2002.

_____. Autogestão: desafios políticos e metodológicos na incubação de empreendimentos solidários. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p.96-104, 2008.

LEITE, M. P. A economia solidária e o trabalho associativo: teorias e realidades. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 69, 2007.

LIMA, J. C. O Brasil de FHC: estado mínimo, precarização do trabalho assalariado e economia solidária. **Revista Emancipação**, v. 4, n. 1, 2004.

_____. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? **Sociologias**, v. 12, n. 25, 2010.

LIMA, J. C.; ARAÚJO, A. M. C.; RODRIGUES, C. C. P. Empreendimentos urbanos de Economia Solidária: alternativa de emprego ou política de inserção social? **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2011.

LIMA, J. C.; SOUZA, A. R. Trabalho, solidariedade social e economia solidária. **Revista Lua Nova**, v. 93, 2014.

LIMA, S. M.; GOMEZ, C. M. Construtores de casa e artífices de cidadania: modos cooperativos de trabalhar e viver. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, v. 6, n. 2, 2008.

LOCH, C. L.; AMORIN, L.; SCHMIDT, L. L. Economia solidária: possibilidade de (re)humanização do trabalho. **Revista Ciências da Administração**, v. 10, n. 20, 2008.

LOCKS, P.; GUGLIANO, A. A. Democracia e economia solidária: limitações e potencialidades. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 10, 2013.

MARCOSINI, A. F. Política pública de economia solidária: uma política em construção. **Educação Temática Digital**, v. 9, n. 2, 2008.

MARIANI, M. A. P.; ARRUDA, D. O. P. A economia solidária como elemento fomentador do desenvolvimento local de Corumbá/MS/Brasil face à inserção dos pescadores artesanais na atividade do turismo. **Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 9, n. 4, p. 613-622, 2011.

MEDEIROS, A. C.; CUNHA, E. V. Economia solidária e desenvolvimento local: a prática dos empreendimentos econômicos solidários na região do Cariri Cearense. **Desenvolvimento em Questão**, v. 10, n. 21, 2013.

MENEGHETTI, R. C. Educação matemática e economia solidária: uma aproximação por meio da etnomatemática. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**, v. 6, n. 1, 2013.

MENEGHETTI, R. C. G.; BARROFALDI, R. C. Z. Práticas efetivas em educação matemática no contexto de um banco comunitário. **Revista Bolema**, v. 29, n. 53, 2015.

MENEGHETTI, R. C. G. *et al.* Sobre três processos educativos em educação matemática para empreendimentos em economia solidária. **Revista Reflexão & Ação**, v. 21, n. 1, 2013.

MENEZES, D. F.; MORAIS, L. P. Em busca de avanços teóricos acerca da economia social e solidária: a contribuição do Ciriec – Brasil. Brasília, Ipea, **Mercado de trabalho: conjuntura e análise**, n. 63, 2017.

MONJE-REYES, P. Economía solidaria, cooperativismo y descentralización: la gestión social puesta en práctica. **Cadernos Ebape.br**, v. 9, n. 3, 2011.

MORAIS, E. E. *et al.* Propriedades coletivas, cooperativismo e economia solidária no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 105, 2011.

NAGEM, F. A.; SILVA, S. P. Institucionalização e execução das políticas públicas de economia solidária no Brasil. **Revista de Sociologia e Política**, v. 21, n. 46, 2013.

NAMORADO, R. Para uma economia solidária: a partir do caso português. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 84, 2012.

NARDI, H. C. *et al.* Subjetividade e solidariedade: a diversidade das formas de implicação dos jovens na economia solidária. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 19, n. 2, 2006.

NARDI, H. C.; RODRIGUES, M. C. Solidariedade, competitividade e reflexão ética nos contextos da nova economia e da economia solidária. **Psico**, v. 40, n. 4, 2009.

NARDI, H. C.; YATES, D. B. Transformações contemporâneas do trabalho e processos de subjetivação: os jovens face à nova economia e à economia solidária. **Estudos de Psicologia**, v. 10, n. 1, 2005.

OLIVEIRA NETO, G. C. *et al.* Governança corporativa voltada à Produção Mais Limpa. **Revista Gestão & Produção**, v. 22, n. 1, 2015.

ONUMA, F. M. S.; MAFRA, F. L. N.; MOREIRA, L. B. Autogestão e subjetividade: interfaces e desafios na visão de especialistas da ANTEAG, Unisol e Unitrabalho. **Cadernos Ebape.br**, v. 10, n. 1, 2012.

PAULA, A. P. P. A Economia Solidária e a questão do imaginário: em busca de novas perspectivas. **Organizações & Sociedade**, v. 18, n. 57, 2011.

PEDRINI, D. M. **Entre laços e nós – associativismo, autogestão, identidade coletiva**: a empresa de produção socializada EAPS Brusque/SC. 1998. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

PEDRINI, D. M.; OLIVEIRA, A. L. A economia solidária como estratégia de desenvolvimento. **Revista Emancipação**, v. 7, n. 1, 2007.

PERISSE, C. *et al.* A avaliação do Proninc 2017: metodologia e resultados. Brasília, Ipea, **Mercado de trabalho: conjuntura e análise**, n. 63, 2017.

RAZETO, L. **Los caminos de la economía de solidaridad**. Santiago: Vivarium, 1993.

ROCHA FILHO, A. N.; CUNHA, L. A. Economia solidária: alternativa de desenvolvimento, geração de trabalho, renda e resistência à exclusão social. **Revista Emancipação**, v. 9, n. 1, 2009.

SÁ, M. G.; SOARES, G. J. V. Reflexões sobre poder e controle nas Organizações da Economia Solidária (OES). **Cadernos Ebape.br**, v. 3, n. 2, 2005.

SANTIAGO, E.; YASUI, S. Saúde mental e economia solidária: cartografias do seu discurso político. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 3, 2015.

SANTOS, B. S. **Produzir para viver: os caminhos da produção não-capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SANTOS, A. M.; DELUIZ, N. Economia popular e educação: percursos de uma cooperativa de reciclagem de lixo no Rio de Janeiro. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 7, n. 2, 2009.

SANTOS, J. C.; OLIVEIRA, B. A. M. Possibilidades para a psicologia na economia solidária. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 2, 2015.

SILVA, F. A. *et al.* Os princípios de economia substantiva de Karl Polanyi em relações de economia solidária: o caso do povoado cruz. **Revista Eletrônica de Ciências Administrativas**, v. 10, n. 2, 2011.

SILVA, L. T. Concepção de trabalho utilizado nos empreendimentos solidários: experiência do centro de economia solidária da Bahia-Cesol. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 2, n. 2, 2012.

SILVA, M. K.; OLIVEIRA, G. L. Capital social, hierarquia e êxito em um empreendimento de “economia solidária”. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 12, n. 1, 2009.

SILVA, S. P. Economia solidária e políticas públicas de desenvolvimento local: uma análise de dois programas de gestão pública no Brasil. **Revista Perspectivas em Políticas Públicas**, v. 2, n. 3, 2009.

_____. **Análise das dimensões socioestruturais dos empreendimentos de economia solidária no Brasil**. Brasília: Ipea, 2017. (Texto para Discussão, n. 1945).

SILVA, S. P.; CARNEIRO, L. M. Os novos dados do mapeamento de economia solidária no Brasil. Brasília, Ipea, **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, n. 57, 2014.

SILVA, S. P.; NAGEM, F. A. Dimensões estruturais dos empreendimentos de economia solidária: uma análise para os estados da Bahia e Paraná. **Revista de Economia do Nordeste**, v. 43, n. 2, 2012.

SILVA, S. P. *et al.* Trabalho coletivo e geração de renda em empreendimentos de economia solidária. **Revista Oikos**, v. 17, n. 2, 2006

SINGER, P. Economia Solidária contra o Desemprego. **Folha de S.Paulo**, 11 jul. 1996. Disponível em: <<https://bit.ly/3ISAU4D>>.

_____. Economia solidária versus economia capitalista. **Sociedade e Estado**, v. 16, n. 1, 2001.

_____. Relaciones entre sociedad y Estado en la economía solidaria. **Íconos: revista de ciencias sociales**, n. 33, 2009.

SINGER, P.; SOUZA, A. R. **A economia solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 1998.

SINGLETON, R. A.; STRAITS, B. C. **Approaches to social research**. New York: Oxford University Press, 1999.

SOBRAL, F. J. B. A.; MANSUR, J. A. Produção científica brasileira em comportamento organizacional no período 2000-2010. **RAE: Revista de Administração de Empresas**, v. 53, n. 1. 2013.

SOUSA, D. N. Reestruturação capitalista e trabalho: notas críticas acerca da economia solidária. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 11, n. 11, 2008.

SOUZA, A. R. Igreja Católica e mercados: a ambivalência entre a solidariedade e a competição. **Religião & Sociedade**, v. 27, n. 1, 2007.

SOUZA NETO, M. P.; VALÉRY, F. D. O doce sabor da cooperação: uma matriz de relacionamento colaborativo na economia solidária. **RMPE: Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 4, n. 1, 2010.

SPINK, M. J.; MENEGON, V. M. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. *In*: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2000.

TAUILE, R. Do socialismo de mercado à economia solidária. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 6, n. 1, 2002.

VANTI, N. P. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, v. 31, n. 2, 2002.

VERGARA, S. C.; PECI, A. Escolhas metodológicas em estudos organizacionais. **Organizações e Sociedade**, v. 10, n. 27, 2003.

VERONESE, M. V.; GUARESCHI, P. Possibilidades solidárias e emancipatórias do trabalho. **Psicologia & Sociedade**, v. 17, n. 2, 2005.

_____. Subjetividade, trabalho e economia solidária. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 84, 2009.

VITCEL, M. S. *et al.* Contribuições da economia solidária para o desenvolvimento regional sustentável: o caso da Incubadora Itecsol da Unijuí. **Revista Desenvolvimento em Questão**, v. 8, n. 16, 2010.

WELLEN, H. A. R. Contribuição à crítica da ‘economia solidária’. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 11, n. 1, 2008.

_____. **Para a crítica da “economia solidária”**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

WESTPHAL, V. H. Diferentes matizes da idéia de solidariedade. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 11, n. 1, 2008.

ZAAR, M. La economía solidaria como solución a la agricultura familiar: el caso del reassentamiento São Francisco, Cascavel, Paraná, Brasil. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 11, n. 245, 2007.

ZAMBELO, E. A Economia Solidária como um princípio de organização do trabalho: formação e assessoria técnica para catadores de material reciclável. **Revista Gepros**, v. 10, n. 2, 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARAUJO, H.; SILVA, F. Economia solidária: um novo paradigma de política pública? Brasília: Ipea, 2005. **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, n. 28.

CORIOLOANO, L. N.; ALMEIDA, H. M. O turismo no Nordeste brasileiro: dos *resorts* aos núcleos de economia solidária. **Scripta Nova: Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales**, v. 11, n. 247, 2007.

GUARESCHI, P. A.; VERONESE, M. V. Por que trabalhar com economia solidária na Psicologia Social. **Psico**, v. 40, n. 1, 2009.

SILVA, S. P. A economia solidária e os desafios da gestão pública: uma análise do programa oportunidade solidária no município de São Paulo. **Otra Economia: Revista Latinoamericana de Economía Social y Solidaria**, v. 4, n. 7, 2010.

_____. Entidades de apoio e fomento à economia solidária no Brasil: uma análise exploratória. Brasília, Ipea, **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, n. 61, 2016.